

CRISTIANO MASCARO

textos críticos

Ver para fazer ver

Antonio Candido

2010

A boa fotografia equivale sempre a uma reforma do nosso olhar. Sobretudo quando se trata de fotografias que surpreendem o momento fugidio da cidade, como estas, de Cristiano Mascaro, mestre na sua arte difícil.

A rua está aí. Casas, postes, fios, carros, transeuntes nos quadros de tijolos, cimento, pedras, asfalto. Estou entre eles, sou parte deles, por isto mesmo não os vejo. Apenas os enxergo, vagamente, “voltado para a vida, absorto na vida” segundo o poema de Manuel Bandeira. Como parte do fluxo, sou incapaz de perceber a prodigiosa realidade plástica, móvel e imóvel que me envolve e me arrasta, banalizada pelo desgaste do cotidiano, pelo automatismo do hábito. Neste ponto, surge o fotógrafo com a sua câmera e me ensina a ver. O conjunto de colunas torna-se então uma floresta mágica de concreto; um trecho de rua visto de cima parece um tecido raro plantado de hastes, riscado pelas suas sombras; o ciclista no cruzamento é um aventureiro prestes a enfrentar as listas de passagem de pedestres como se fossem ondas no asfalto. Capaz de construir à medida que vê, Cristiano Mascaro me mostra a renda de ferro de uma sacada, bordando o pedaço de parede ocupado por uma porta ladeada de janelas, destacando-o da fachada onde estava dissolvido e transformando-o num quadro inesperado. Com a simples escolha de um bom ângulo, transforma agora um correr de casas, vistas de esguelha, numa espécie de teclado arquitetônico desenhado pela abertura estranha de janelas-frestas, modulado pelos contrastes de luz. Depois, é um operário incrustado na sombra densa, mas ressaltado na sua humanidade pela parede clara que o recupera. Aqui são prédios altos vistos em planos de tonalidades diferentes do preto ao esfumado, compondo um painel abstrato. Mais adiante, os trilhos da estrada de ferro saem da estação como paralelas vertiginosas em busca de seu infinito, prontos para cortarem a “cidade tentacular”.

Ruas, casas, arranha-céus, veículos, pessoas, vistos de longe ou de perto, isolados ou em conjunto, claros ou escuros, no todo ou em parte, na madrugada, no dia, na noite são todos deste modo manipulados pela imaginação do fotógrafo com a mirada criadora revestida pelo olho dirigido da máquina. E nós percebemos que a cidade foi reinventada, oferecendo ao nosso olhar desarmado uma realidade que não suspeitávamos, porque é a realidade tornada essencial graças à seleção operada pela maestria do artista. Isto é, Cristiano Mascaro.